

DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO TOCANTINS - UNITINS A UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT, REMINISCÊNCIAS DO CAMPUS DE ARRAIAS

OF THE ESTADUAL UNIVERSITY OF TOCANTINS - UNITINS THE FEDERAL UNIVERSITY OF TOCANTINS - UFT, REMINISCENCES OF THE CAMPUS OF ARRAIAS

Neila Nunes de Souza 1
Maurício Alves da Silva 2
Carlos Roberto Ludwig 3

Doutora em Educação - Universidade de Brasília - UnB, (Políticas Públicas) 2017. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2000). Graduação em Pedagogia - Universidade Católica de Pelotas - RS (1991). É professora efetiva da Fundação Universidade Federal do Tocantins, atuando principalmente nos seguintes temas: Políticas públicas, avaliação institucional/educação superior; política e formação de professores; sala de aula; educação pública; educação no campo, educação básica/ensino médio e Banco Mundial. E-mail: neilasouza@uft.edu.br

Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (1994), Especialista em Cartografia pela UFMT (1996), Mestre em Engenharia Civil na área de Cadastro Técnico Multifinalitário pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (1999), Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2013). Professor Adjunto da Fundação Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Cursos de Geografia - Licenciatura e Bacharelado. E-mail: mauricio.silva@uft.edu.br

Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Letras - Português, Inglês e Literaturas e Letras - Português, Francês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (2005). Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente em Língua Inglesa, Literaturas de Língua Inglesa, Estudos da Tradução, Ensino de Línguas, Documentação em Língua de Sinais e Estudos da Língua Brasileira de Sinais, Cultura e Educação de Surdos. E-mail: carlosletras@uft.edu.br

Resumo: O presente texto se propõe a discutir sobre eventos que fizeram com que o Campus de Arraias da Universidade Estadual do Tocantins fosse transformado em um dos sete campi da Universidade Federal do Tocantins. A pesquisa que ora se apresenta remonta os idos de 1990 aos anos 2000. Fazer um detour, sobre em que condições funcionava a Unitins, dez campus e a Escola Agrícola de Natividade, no município de Natividade, transforma em realidade a UFT. O município de Arraias, objeto deste estudo data do século XVIII, nos anos de 1730 a 1740, com a descoberta do ouro em um lugar denominado Chapada dos Negros, para lá migraram senhores e escravos, que dá origem a cidade, sendo afastado por volta de 13 km de onde se localiza a cidade atualmente. Arraias dista 413 km da capital Palmas, praticamente a mesma distância, são 427 km, está localizada a capital Federal do País, ou seja, Brasília, estradas pavimentadas. Mas não foi sempre assim, para chegar a capital do Estado no tempo das águas, sim porque eram duas estações bem definidas, era difícil pela lama, no tempo da seca era a terra. As balsas para atravessar os rios Manoel Alves e Palmas, causavam medo, sobretudo, pela precariedade das embarcações. A sustentação em Kosik (1976) da mudança da realidade de modo revolucionário “só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, e na medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós.” (p. 18).

Palavras-chave: Unitins; UFT; Arraias.

Abstract: The present paper proposes to discuss events that have made Campus of Arraias of State University of Tocantins to be transformed into one of the seven campuses of Federal University of Tocantins. The research presented here dates back to the 1990s to the 2000s. Making a detour, under which conditions Unitins worked, ten campuses and Natividade's Agricultural School, in the municipality of Natividade, made possible to create UFT. The municipality of Arraias, the object of this study dates from the 18th century, from the years 1730 to 1740, with the discovery of gold in a place called the Chapada dos Negros, where masters and slaves migrated, which gave origin to the city, being removed around of 13 km from where the city is currently located. Arraias is located 413 km from the capital Palmas, practically the same distance, 427 km, where is located the Federal Capital of the Country, that is, Brasília. However, it was not always so; to reach the capital of the state in the time of the waters, because there are two well-defined seasons, was difficult due to mud and in the time of the drought, it was difficult due to the dust. The ferries that crossed the rivers Manoel Alves and Palmas, caused fear, mainly, by the precariousness of the boats. The support in Kosik (1976) for the change of reality in a revolutionary way “only because and only insofar as we ourselves produce reality, and insofar as we know that reality is produced by us” (p.18).

Keywords: Unitins; UFT; Arraias.

Introdução

O presente texto se propõe a discutir sobre eventos que fizeram com que o Campus de Arraias da Universidade Estadual do Tocantins fosse transformado em um dos sete campi da Universidade Federal do Tocantins¹. Para tanto, parte do entendimento de que a Universidade, “como importante patrimônio social, se caracteriza pela sua necessária dimensão de universalidade na produção e transmissão da experiência cultural e científica da sociedade”. (PNE – Sociedade Brasileira, 1977, p.65). Buscamos entender o elemento essencial constitutivo de qualquer processo estratégico e de construção de identidade social, proposto no PNE, para a universidade, entendendo-a como patrimônio da sociedade brasileira.

A pesquisa que ora se apresenta remonta os idos de 1990 aos anos 2000. Fazer *um detour*, determo-nos em alguns aspectos sobre em que condições funcionava a Unitins, dez unidades/centros de extensão/universitários e a Escola Agrícola de Natividade, no município de Natividade, e transformar em realidade a UFT.

O município de Arraias, objeto deste estudo data do século XVIII, nos anos de 1730 a 1740, com a descoberta do ouro em um lugar denominado Chapada dos Negros, para lá migraram senhores e escravos², que dá origem a cidade.

A universidade que nasce multi-campi, projeto fundamentado na ideia de que era preciso criar uma universidade que:

fugisse ao conceito puramente contemplativo e repetitivo como o que, de certo modo, se faz há mais de meio século na universidade que existe no Brasil, a ponto de se poder dizer, sem grande margem de erro, que uma universidade existente em uma determinada região pode servir para ser transplantada para qualquer outra, por maiores que sejam as universidades regionais. A ideia partiu do princípio de que, para o Brasil, as universidades deveriam ser pensadas e organizadas de forma a permitir um produto final coerente com as necessidades e características do meio no qual estavam inseridas, de tal forma que não se poderia ter, no Brasil, um único modelo de universidade, mas tantos quantos fossem as regiões que as acolhessem. (CASSIMIRO, 1996, p. 15).

Para a autora, estava aí o propósito de se fazer uma universidade ‘com a cara do Tocantins’, organizada e com a perspectiva de atender as demandas do novo Estado e da região norte do Brasil, constituída no modelo multi-campi. Essa nova universidade que deveria voltar-se para os problemas no novo estado, também deveria contemplar o acesso e oportunidades para a juventude oriunda da classe trabalhadora. Tendo na Universidade uma das instituições capazes da sociedade de adquirir a maioria.

O novo Estado e tudo o que se erguia, seja nas estruturas físicas, nas relações humanas, das diferentes culturas dos que chegavam ao Estado, a construção do conhecimento como pilar de sustentação. No antigo norte goiano o ensino superior já havia chegado, demandado pelas elites que aqui viviam e que muitos de seus filhos eram enviados para estudar em grandes centros no País, bem como os que iam em busca de seus diplomas fora do Brasil.

Ainda assim, o ensino superior do Estado do Tocantins na Constituição do Estado funcionava nas três maiores cidades do Estado, a saber: Araguaína, Gurupi e Porto Nacional.

A Faculdade de Filosofia do Tocantins – FAFITINS, de Porto Nacional, criada pelo governo do Estado de Goiás por meio da Lei estadual nº 9.449, de 30.05.1984, foi transformada em Autarquia Estadual. A FAFITINS teve autorizado o seu

¹ Texto construído por docentes, compondo seis mãos, sendo que um teve participação direta em acontecimentos vivenciados e relatados referentes ao período.

² À medida que a colonização portuguesa avança na região central do País, os africanos desempenharam papel determinante na exploração do ouro, pois os portugueses aproveitaram dos africanos o conhecimento sobre a exploração e fundição do ouro. Eram chamados de escravos minas, que tinham tradição e conhecimentos superior aos portugueses. Os africanos trouxeram consigo seus costumes, cultura e religiosidade e, sofreram toda adversidade no trabalho, na religião, na culinária, enfim, no modo de viver. (SOUZA, 2017, p.69).

funcionamento a partir de 14.07.1985, com base na resolução nº 049, de 14.03.1985, do Conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás.

A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi - FAFICH foi criada pelo Decreto nº 94.787, de 19.08.87, do Presidente da República. No entanto seu funcionamento já vinha ocorrendo desde 1985. A FAFICH tem como mantenedora a Fundação Educacional de Gurupi, que é municipal.

Já a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína – FACILA foi criada pelo Governo do Estado de Goiás por meio do Decreto nº 2.413, de 02 de outubro de 1984, e autorizada pela Res. nº 030 de 21 de fevereiro de 1985, do Conselho Estadual de Educação. O Decreto nº 91.507 de 05 de agosto de 1985, assinado pelo Presidente da República, autoriza o funcionamento dos cursos de Letras, História e Geografia (licenciatura plena) e Ciências e Estudos Sociais (licenciatura de 1º grau).

Com a criação do Estado do Tocantins, a FAFITINS e a FACILA passaram para o sistema estadual de Educação do Tocantins.

Agora com a criação da Fundação Universidade do Tocantins, passam a integrar a UNITINS, conforme artigo 5º da Lei nº 136/90, de 21 de fevereiro de 1990.

A FAFITINS de Porto Nacional oferece 50 (cinquenta) vagas no Curso de Licenciatura em Geografia e 50 (cinquenta) vagas no Curso de Licenciatura em História, 60 (sessenta) vagas em Letras-Português/Inglês e 40 (quarenta) em Ciências (Licenciatura curta), com processo de plenificação em andamento. (CASSIMIRO, 1996, pp. 82-83).

O município de Araguaína era populacionalmente a maior cidade na época, e, hoje a segunda maior e se destaca economicamente como referência do preço da carne (arroba do boi), depois Gurupi, cortada pela Br. 153, com vocação para a produção de grãos e Porto Nacional, foi um dos importantes portos de escoação de minérios, sobremaneira o ouro, e outros produtos, bem como os alimentícios, sendo referência o chamado norte goiano, além de reivindicar o título de capital da cultura. O acolhimento dos cursos superiores era uma condição, de licenciaturas, pois as famílias abastadas economicamente necessitavam de educação de qualidade para estudarem na educação básica e posteriormente poderiam enviar seus filhos a estudarem fora do norte goiano.

A Universidade no Tocantins: a educação superior no interior do Estado

A instituição de saber Universidade e elitizada desde Bolonha na Itália, nos idos de 1150, comandada pelo clero, formada por *campos de saber* para quem podia contratar transformou-se, os senhores que estudavam naquela época, deram lugar, também a juventude e a classe trabalhadora, mas de que forma?

Se nos transportamos para o Brasil e parafraseando Florestan Fernandes (1959) sobre o *dilema educacional brasileiro*, quando diz que a herança do sistema escravocrata e dos senhores poderosos, de instituições políticas fundadas na dominação patrimonialista, fazem da educação “símbolo social dos privilégios e do poder dos membros das camadas dominantes” (p.192). A Universidade no Brasil tardia e para poucos, sobretudo, para as elites. No célebre discurso de Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília, por ocasião da abertura do regime democrático, dimensiona-se esse tempo de que:

pode-se dizer, da cultura erudita brasileira, que ela serviu e serve mais às classes dominantes, para a opressão do povo, que a outra coisa. Muitas vezes foi como um enfeite, um adorno, quando não foi a legitimação do poder dos poderosos,

a consagração da riqueza dos ricos e a consolação dos aflitos com as realidades desse mundo. Mesmo quando dominou os saberes técnicos, os dominou muito mais para produzir, acumular e exportar lucros, queimando gente, do que para construir um país habitável, para implantar uma sociedade solidária. [...]. (RIBEIRO, 1986, p.p. 09- 10).

É dessa educação voltada para as castas da sociedade que de alguma forma nos propomos a discutir neste texto, evidenciada quando é criada a Universidade do Tocantins – Unitins, pela Lei Estadual Nº 136, de 21 de fevereiro de 1990 e a implantação em Arraias.

Eram os idos de 1990, o Estado do Tocantins criado a partir da Constituição Federal de 1988, no artigo 13 das Disposições Transitórias. A Universidade do Tocantins, instituição estadual criada dois anos após a criação do Estado. Os cursos de Pedagogia nos Campus dos municípios de Arraias, Guaraí e Tocantinópolis, constituídos como Centros de Extensão/Integrados. Geograficamente se percebe a localização dos campi nos extremos Norte e Sul e, ao Centro. Era a interiorização, a integração de um estado que previa o desenvolvimento regional e a universidade deveria ser um desses agentes que promove e envolve a comunidade, no sentido de desenvolver o Estado do Tocantins.

No ano de 1994, quarto ano do Curso de Pedagogia, era anual, e formou a primeira turma em cada um dos três campus³. No Campus de Arraias, objeto dessa análise, formaram os professores que atuavam essencialmente na rede pública. Eram diretores escolares, secretários de educação, coordenadores nos municípios circunvizinhos do Estado do Tocantins e do Estado de Goiás, chegavam diariamente para as aulas que funcionavam no turno noturno. Alunos e alunas que se deslocavam de distâncias de 104 km, como era o caso da cidade de Conceição do Tocantins.

A educação no interior do Brasil segundo Fernandes (1960), o maior problema brasileiro era o educacional. Isso eram os anos 1960, conceito de educação básica que permanece em debate na atualidade, também na educação superior, sobretudo quando se refere à interiorização, seja da universidade, seja da educação básica. Nos elementos que orientam a nossa análise, buscamos as possibilidades de pensar a educação em expressões como:

“precisamos ensinar os caboclos a ler”, [...] “o analfabetismo é a massa de que se alimentam os ditadores”, “na escola está à solução de nossos problemas”, “no ensino primário está o problema número um do Brasil”, “o governo precisa criar mais escolas”, [...] “eduquemos os homens do campo”, [...] “escolas para o povo” [...]. Se somos pobres quanto ao número de escolas e se o sistema educacional brasileiro é um pouco menos que precário, [...]. Sobram-nos problemas, mas felizmente não nos faltam fórmulas consagradas, com auxílio das quais nos pomos maravilhosamente de acordo a seu respeito. [...]. (Fernandes, 1960, pp. 120-121).

A atualidade dos escritos de Fernandes referindo-se à educação brasileira, dos inúmeros problemas enfrentados quando os alunos chegam à universidade, sobremaneira no interior do Brasil, que dialogam com o passado dos alunos no curso superior que não conseguem produzir um texto, ou das inúmeras dificuldades para redigir frases simples. Os ditadores, os coronéis, o patrimonialismo se manifesta nas ações do cotidiano, das pessoas simples, seja pelos favores ou pela intimidação, presentes nos municípios do interior, no favorecimento das benesses de poderosos economicamente.

A primeira turma que formou em Arraias no curso superior e a própria instalação da universidade se dá para formar as elites locais para atuarem no município e circunvizinhos. A partir da segunda turma, observa-se as ameaças de fechamento do campus, a incerteza e a insegurança se dava especialmente a cada ano, datado de 31 de dezembro, que era quando os contratos eram renovados, ou os docentes eram dispensados, ou melhor dizendo, demitidos. Isso se dá por ter

³ Campus de Arraias, Campus de Guaraí no município de Guaraí e Campus de Tocantinópolis no município de Tocantinópolis.

atingido o seu intento, ou seja, políticos levam a universidade para o interior e quando ela atingiu o seu propósito, isso passa a ser secundário, caro para manter, era um dos argumentos para as incertezas do fechamento, pois após a primeira turma, muitos outros alunos e alunos oriundos em sua maioria da classe trabalhadora, chegaram a universidade.

Os docentes que chegavam ao Estado, sem conhecer a universidade, nem mesmo a região se dispunham a sair a noite, nas estradas de terra, pois nesse tempo as estradas com pavimentos⁴ eram poucas, na peregrinação para os municípios circunvizinhos, divulgar nos terceiros anos do ensino médio que a universidade tinha chegado e que poderiam estudar. Essa era uma forma inclusive de manter os empregos dos docentes, que lá estavam. Precisava que o Curso de Pedagogia tivesse alunos, para justificar a permanência da educação superior naquele município.

Os problemas da educação serviram de moeda de troca para inúmeros políticos que fizeram de seus palanques eleitorais⁵, *seus shows*, já que nos idos de 1990 haviam os comícios e neles os músicos, cantores famosos que brilhavam o que era exibido como grande evento, de pompa e sustentação.

Assim, refletir sobre a universidade no interior, nos impõe discutir os problemas, vivenciar as memórias de vitórias e até constrangimentos pelo que não conseguíamos naquele momento. Para pensar nos professores que chegavam para trabalhar na Universidade do Tocantins, nos permite reportar a Florestan Fernandes quando diz que: “alguns educadores clamam por reformas, mais ou menos profundas e necessárias, mas clamam no deserto”. (Fernandes, 1960, p. 121). As mudanças na educação sempre estiveram na pauta de luta dos educadores, porém o que o autor nos chama a atenção é que muitas dessas lutas eram infundadas, constatadas na metáfora pelo que ninguém ouve. É com as possibilidades de luta e vivência na educação, que nos propomos no próximo item, conversar a partir da vivência e desse lugar de fala.

Quem eram os professores que atuavam na Universidade do Tocantins?

Segundo Cassimiro (1996) a finalidade primeira da Unitins era a de produzir e disseminar conhecimento novo através da pesquisa, para cuja difusão é o ensino um instrumento valioso, bem como a extensão como instrumento pedagógico privilegiado para a realimentação da universidade. O tripé indissolúvel do ensino, da pesquisa e da extensão, com vista ao princípio da universidade pública brasileira, que deverá ser socialmente referenciada.

Falando francamente, segundo Fernandes (1975; 1979) a Universidade exerce uma função básica, pois permite certo tipo de trabalho intelectual que não existiria de outra forma. Aceita a ideia de que a Universidade oferece uma oportunidade de trabalho que não se concretizaria fora dela. Era assim, no início, na Unitins, significava a oportunidade de atuação na Universidade, já que os professores que haviam sido concursados para atuar na Universidade Estadual, não supriam as necessidades, sobretudo, dos campi mais afastados da capital, e então professores eram recrutados no Brasil inteiro. A exemplo de pagar passagem de ônibus para professores que se dispusessem a trabalhar no norte do país.

Com esses elementos os professores é que detinham a responsabilidade de atuação. Cumprir as funções docentes de uma universidade que precisava muitas vezes contratar professores que não tinham formação e/ou experiência, muito menos com o ensino superior. Ainda desempenhar as atividades de uma universidade que se pretendia sensível aos problemas do novo Estado, era um desafio.

Os professores e professoras que chegavam a Arraias para trabalhar na Universidade vinham

4 Experiências como pernoitar na estrada, por encontrar árvore caída barrando a passagem, pelo temporal de vento, ou mesmo problemas mecânicos e eram as *mangueiras* (do veículo do campus/marca gol/bola), ou mesmo falta de combustível, carregávamos os galões de álcool. Essas aventuras eram no turno noturno, pois os terceiros anos das escolas de ensino médio funcionavam no turno da noite em sua maioria e, era quando realizávamos as reuniões, nos municípios de Goiás e do Tocantins, considerando que Arraias dista 22 km da divisa com o Estado de Goiás, município de Campos Belos.

5 A exemplo de Siqueira Campos que se apresenta como o criador do Estado do Tocantins, 1º governador do Estado. Em suas campanhas eleitorais levava shows como de Leonardo, para os comícios. Além de que todo 1º de agosto, ele assistia a missa em Arraias comemorando o seu aniversário e o da cidade, muitas delas celebradas pelo Padre Leomar.

de todo País⁶, dos mais distantes lugares. No ano de 1994, chegava pela manhã um ônibus de Brasília e outro de Goiânia, muitos quando se deparavam com a realidade da cidade⁷, alegavam de choque cultural, até as carências de supermercado, que suprisse necessidades de centros maiores, assim chegavam pela manhã e retornavam a noite. Que condições objetivas de sustentação tinha a universidade que se pretendia promover inclusive o desenvolvimento regional? Ou mesmo mudar o quadro de abandono histórico da educação básica? Como fazer a luta política com vista à permanência da universidade no interior? Como fazer a luta política sem despertar a ira dos políticos?

A ameaça de fechamento do Campus de Arraias

Foram tempos difíceis, o pior deles, foi quando recebemos um ofício do Reitor Prof. Ruy Rodrigues que dizia que o campus não teria mais vestibular e que as turmas em funcionamento seriam finalizadas sob regime modular. Começamos então, um movimento de mobilização e sensibilização para que a Universidade continuasse em Arraias, inicialmente o contato com os políticos de Arraias e região, eram deputados federal e estaduais, bem como pessoas preocupadas com a universidade, a exemplo, de José Brasil e setores da sociedade.

Após, como isso não surtisse muito efeito, chamamos os prefeitos dos municípios vizinhos, reunião na prefeitura de Arraias, foi acordado que seria realizado um consórcio entre os prefeitos da região para manter o campus, nisso estava presente a cobrança de mensalidade, o que para alguns chefes do poder executivo, se acenava como uma possibilidade de ganhos e dividendos para as prefeituras dos municípios da região. Prefeitos, Sr. José Brasil e nós na direção do campus, fomos para Palmas reunir com o reitor, com essa alternativa para não fechar o Campus.

Vale lembrar, enquanto diretora⁸ e na luta, presenciamos nesse período o Reitor que foi a Arraias e ficou esperando sentado em um banco da rodoviária, enquanto o carro oficial entregava documentos no campus, acreditamos que ele tivesse como destino a cidade de Brasília, motivo da passagem por Arraias.

Assim, na próxima etapa, assume outro reitor, que veio de Brasília, nomeado pelo então governador Siqueira Campos, ao que pese muitas críticas por ele ser um militar do exército, aposentado, foi ele quem abraçou a causa e luta pela permanência da Universidade em Arraias. A partir de um evento que organizamos no Clube Social Arraiano, convidamos o novo reitor para participar e mostrar que lá tinha uma comunidade que estudava e uma comunidade que não poderia prescindir da Universidade e de tudo que ela representava.

Para o evento, convidamos a comunidade e pedimos o compromisso do Reitor da Unitins com vista a sua participação. Com todas as carências tivemos a presença de ônibus de participantes de Brasília e dos campi da Unitins, de colegas que vieram contribuir, sensibilizados com a causa. Faz-se necessário evocar o nome da Prof^a Elzimar Pereira do Nascimento, grávida de 8 meses traz do campus de Tocantinópolis uma Kombi (veículo para transporte de passageiros) de alunos para participar do evento, foram muitas vozes. Os alojamentos eram no quartel, no clube e no campus, como era o mês das derradeiras chuvas, os alojamentos do clube e do campus alagaram e saímos pela cidade, onde as pessoas foram hospedando um a um, os participantes do evento.

⁶ Um dos exemplos, em particular, uma professora veio de Pelotas no RS, inicialmente para trabalhar em Dianópolis, com Educação Especial, e após para o Campus de Arraias. Chegamos a Arraias para trabalhar com estágio no 4º ano do curso de Pedagogia. A Universidade um prédio de uma escola, que havia sido cedida para o funcionamento do Campus, com sensíveis adaptações.

⁷ Os professores chegavam e tinham de buscar espaços para morar, três professoras que vieram do Rio Grande do Sul, morávamos em uma casa de três cômodos no pátio da escola Joana Batista Cordeiro. Após a luta das Prof^{as} Magda Sueli e Dona Diran, foram construídas 8 casas para professores, era chamada a vila do papel, já que tinha a do esparadrapo, a dos profissionais da saúde, médicos e enfermeiros e, na vila do cassetete/quartel, a polícia. Pequenos redutos que faziam as divisões na cidade a educação, a saúde, a polícia e os coronéis, que mandavam na cidade, e a maioria trabalhadores explorados.

⁸ Todos estavam indo embora, o campus ia fechar. Nesses devaneios de sustentação do campus, os alunos diminuindo, reflexo disso, começavam a sobrar salas de aula, foi quando em uma das salas juntamos uns objetos e chamamos de museu. Entre outras invenções. As aulas aconteciam a noite, então, chegávamos no Campus cedo, acendia as luzes das salas de aula, que não estavam ocupadas e trancava a porta, para quem chegasse de fora não ter o impacto da escuridão, fazer parecer que tinha muita gente estudando.

Naquela noite, abrimos o evento e começamos a nossa fala sem luz, clube lotado, pois era comum quando chovia ter a interrupção de energia elétrica. Foi o marco do que almejávamos, o Sr. Edson Nazareth Alves, então Reitor da UNITINS, que gostava de ser chamado de professor, disse: **“o que ele presenciava daquela comunidade precisava ser levado ao governador e que aquele campus não poderia ser fechado”**.

Foi o comprometimento e o divisor de águas, para a preparação e participar dos preparativos para fazer parte da Universidade Federal.

A preparação para a Universidade Federal incluiu fazer parte da reformulação das estruturas curriculares dos 29 cursos que passariam para a universidade federal. Participamos também da elaboração dos editais, das vagas e perfis destinados aos cursos.

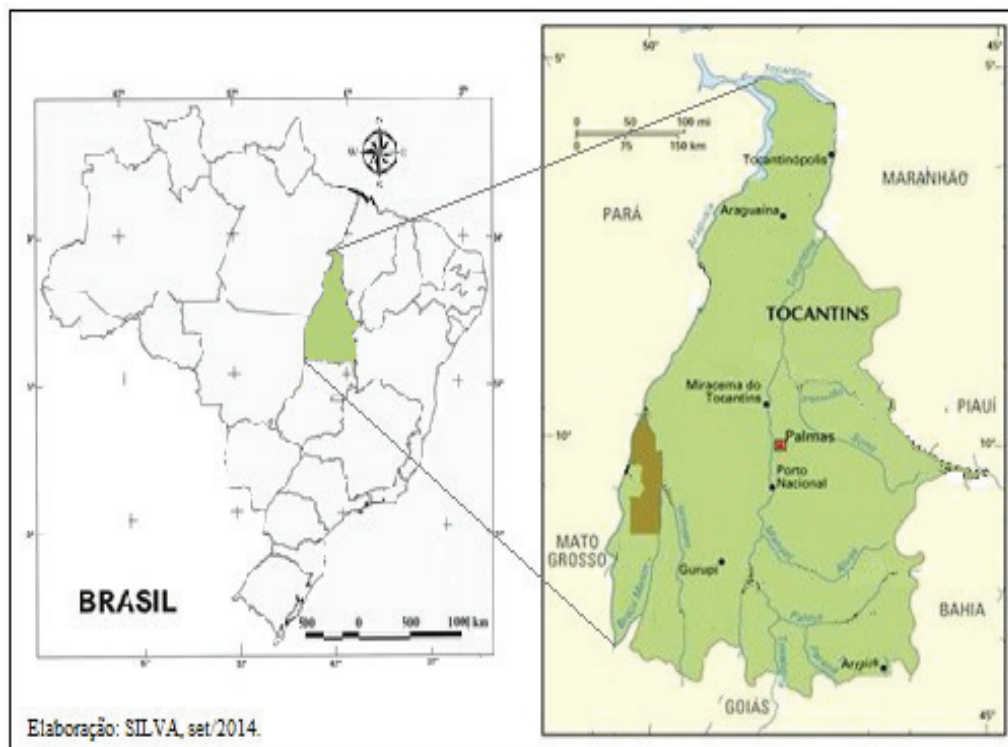
O número de professores em torno de 400 e a universidade federal faria o primeiro concurso para 200, nem todos poderiam realizar o concurso, pois a titulação de mestre e doutores era uma condição real, para pleitear o ingresso na maioria dos cursos. Foi criada a Universidade Federal do Tocantins.

No ano 2000: a Universidade Federal do Tocantins é criada

A Universidade Federal do Tocantins – UFT foi criada no ano de 2000, o único Estado da Federação que não possuía uma Universidade Federal. Como apontamos, existia no Estado a Universidade Estadual que passou parte do seu patrimônio físico para a federal, bem como transferiu os discentes.

Com vista a localizar o estudo, apresenta-se a seguir a figura 1, localização dos sete campi da UFT.

Figura 1 - Localização dos sete campi da UFT.



A Universidade Federal do Tocantins nasce no ano de 2000, mas é com o primeiro concurso para os professores que marca o início do seu funcionamento.

A UFT instituída pela Lei 10.032, de 23 de outubro de 2000, vinculada ao Ministério da Educação, que nasce multicampi, sendo sete campi distribuídos de Norte a Sul do Estado, é uma entidade pública destinada à promoção do ensino, pesquisa e extensão, dotada de autonomia didático-científica,

administrativa e de gestão financeira e patrimonial, em consonância com a legislação vigente. Embora tenha sido criada em 2000, a UFT iniciou suas atividades somente a partir de maio de 2003, com a posse dos primeiros professores efetivos e a transferência dos cursos de graduação regulares da Universidade do Tocantins, mantida pelo Estado do Tocantins.

Com a homologação do Estatuto da Fundação Universidade Federal do Tocantins, no ano de 2004, por meio do Parecer do (CNE/CES) nº 041 e Portaria Ministerial nº. 658/2004, também foi realizada a convalidação dos cursos de graduação e os atos legais praticados até aquele momento pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Por meio desse processo, a UFT incorporou todos os cursos, inclusive o único curso de Mestrado em Ciências do Ambiente, que era ofertado pela UNITINS, bem como, fez a absorção de mais de oito mil alunos, além de materiais diversos como equipamentos, estrutura física dos sete Campi existentes. (SILVA; SOUZA, 2014, p.p. 5-6).

Se na Universidade Estadual aconteceu apenas um concurso público e logo foi insuficiente se manter, sem recrutar docentes, na Universidade Federal do Tocantins - UFT, os docentes chegaram ao Estado em outra condição, pois maior parte deles são atraídos pelo concurso público.

O concurso e os docentes de todos os cantos do país chegam com suas famílias, muitos deles é a primeira vez que entram em sala de aula, realizaram seus estudos com bolsa, desde a graduação a pós-graduação, outros oriundos de instituições particulares, de escolas públicas e outros profissionais experientes, enfim, dessa forma constrói sua identidade, em um estado novo, antigo. Desde o início do funcionamento da UFT os docentes se inscreviam para o certame, se deslocavam de suas localidades até a Capital Palmas, realizavam as provas do concurso, maioria só sabia o nome do município para o qual estava realizando o concurso, em um dos seis campus do interior do Estado do Tocantins, ou mesmo para Palmas e, retornavam para seus lugares de origem. Aprovado retorna o professor que vem para ficar, para se apresentar na cidade que irá trabalhar e, não raras vezes o choque, de um interior que não tem as condições objetivas de uma grande cidade. Muitos assumem e diante das condições desse “novo” lugar não conseguem se estabelecer com suas famílias, por questões das mais variadas naturezas. São frequentes as transferências, remoções, permutas, docentes adoecendo, bem como suas famílias, por vezes até mesmo pedido de demissão. A construção e a consolidação da Universidade passa também pelas condições dos docentes que aqui se propõem a viver. A partir de 2014 os concursos ficaram sob a responsabilidade de cada Campus, nesses termos o candidato nos dias da prova já conhece o local de trabalho que irá exercer a docência, se tiver êxito no certame a que se propôs. (SILVA; SOUZA, 2014, p.7).

A dimensão de que apenas o concurso público, garanta o conforto para que o professor se mantenha nesse novo lugar, no norte do País “acredita-se que as possibilidades do professor permanecer na UFT são maiores, mas o fundamental é que se implante uma política de fixação para os docentes [...]” (*idem*). Es indispensable hacer del capital humano el principal recurso de todos cuantos disponemos. Unicamente así podremos pasar de la sociedad de la información a la sociedad del conocimiento, [...]. (Rojas Mix, 2008, p.31). Esses elementos passam pela valorização do professor e das possibilidades da ciência, a partir dos docentes.

O acolhimento dos docentes, tem sido motivo de preocupação por parte da Seção Sindical dos Docentes da UFT – SESDUFT, pois está na pauta as possibilidades da Universidade e construção de sua identidade, que residem no bem-estar do professor, que seja participe dessa universidade com a harmonia e a insatisfação na medida das possibilidades de convívio acadêmico e criação.

Para continuar o debate

O debate da universidade pública, que deve atender ao regional e o fazer ciência no interior do Brasil, pressupõe a disposição e o entendimento de que a humanidade e os homens e mulheres realizam a própria verdade, operam a humanização, num mundo em que são as pessoas que operam a verdade.

Nesse contexto, a universidade, e os docentes ainda hoje, a permanência dos docentes nos campi da UFT é uma problemática que não foi resolvida nem na capital do Estado. Da Unitins a UFT, os professores evadem desde a criação da Unitins e se confirma na UFT. A Universidade como patrimônio do local não foi assumida pelos que a vivenciam e constroem a sua história.

Principalmente os campus do interior não se consolidam, nas dificuldades da construção das pós graduações, devido à dificuldade de fixação de doutores, a falta de recursos e infraestrutura, a sobrecarga docente, bem como limitações do sistema brasileiro de avaliação da pós-graduação.

A luta e a defesa da universidade pública socialmente referenciada permanecerá nos corações daqueles e daquelas que se propõe a resistir a toda forma de opressão, as injustiças sociais, sobretudo, com os trabalhadores que precisam ser instrumentalizados para se contraporem a ordem burguesa estabelecida.

Referências

CASSIMIRO, Maria do Rosário. **Uma Universidade para o Tocantins**. Edições Consorciadas. Ube: Goiás, 1996.

FERNANDES, Florestan. **A universidade brasileira: reforma ou revolução?** Ed. Alfa-Ômega: São Paulo, 1979.

_____, Florestan. **Entrevista com Florestan Fernandes**. Entrevista publicada na Revista Trans/Form/Ação, v. 2, p. 5-86, 1975. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v34nspe/a04v34nspe.pdf>. Acessado em: 10 de setembro de 2018.

_____, Florestan. **Mudanças Sociais no Brasil**. Difusão Epopéia do Livro. São Paulo, 1960.

_____, Florestan. **Ensaio de Sociologia geral e Aplicada**. Pioneira. São Paulo, 1959.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

RIBEIRO, Darcy. (1986). **Universidade Para Quê?** Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

PNE. **Plano Nacional de Educação – Proposta da Sociedade Brasileira**. Consolidado na Plenária de Encerramento do II CONED, II Congresso Nacional de Educação. Belo Horizonte (MG), 09 de novembro de 1997.

ROJAS MIX, Miguel. **Para uma filosofia de la universidad latinoamericana**. 1ª ed. – Tucumán: EDUNT, Argentina, 2008.

SILVA, Mauricio Alves; SOUZA, Neila Nunes de. **A expansão da educação superior no Brasil: uma abordagem da universidade multicampi**. Conferência Forges, 2014. Disponível em: http://www.aforges.org/wp-content/uploads/2017/03/23-MSilva_NSouza_Expansao-da-Educac_o-Superior-no-Brasil.pdf. Acessado em: 13 de setembro de 2018.

SOUZA, Neila Nunes de. **Política e Gestão da Educação Básica Pública: O Programa Estrada do**

Conhecimento no Estado do Tocantins. 2017. 272 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Recebido em 30 de setembro de 2018.

Aceito em 29 de novembro de 2018.